

**Roda de conversa musical: uma abordagem colaborativa em educação musical na escola****Musical conversation circle: a collaborative approach in musical education in school**

DOI:10.34117/bjdv6n8-635

Recebimento dos originais: 25/07/2020

Aceitação para publicação: 27/08/2020

**Maria das Dores Bezerra**

Mestre em Artes

Universidade Federal do Ceará – UFC

Rua das Flores Nº 1368 - A / Bairro Romeirão

Juazeiro do Norte-CE

E-mail: janeluh@gmail.com

**Miguel Oliveira Ferreira**

Graduando em Administração Pública - Gestão Pública e Social

Universidade Federal do Cariri - UFCA

Rua das Flores Nº 1368 - A / Bairro Romeirão

Juazeiro do Norte-CE

E-mail: miguelnetoferreira@gmail.com

**RESUMO**

Fruto de pesquisa de mestrado que enlaça apreciação musical, diálogo e formação crítica dos estudantes, o trabalho em questão reconhece a impossibilidade de ignorar o acesso massificado dos alunos às obras artísticas propagadas pela Indústria Cultural (ADORNO & HORKHEIMER, 1947). Com isso em mente, defendemos a necessidade do ensino de Música na escola inovar em suas práticas, de modo a favorecer uma postura crítica dos alunos acerca da cultura de massa. Negar a influência desse acesso no cotidiano não corrobora com o diálogo (BOHM, 1998) entre escola, experiência (BONDIA, 2002; BENJAMIN, 1987) e sentido (DUARTE Jr., 2000). Nessa perspectiva, o objetivo desse estudo foi construir uma abordagem pedagógica em educação musical dialogada com o cotidiano dos alunos e focada na colaboração e construção de sua percepção crítica. Enquanto atividade colaborativa embasada em uma metodologia qualitativa e de pesquisa-ação, a Roda de Conversa Musical pressupõe que o envolvimento e a comunicação dinâmica entre diversos colaboradores: alunos, músicos, professores, entre outros participantes, partilhando suas histórias de vida e vivências musicais, suscitassem questões a respeito de suas origens, influências, identificações, formação crítica e musicalidade. Entre os resultados da Roda de Conversa Musical, a colaboração mediadora dos profissionais da música, acolhendo as identificações dos alunos, contribuiu para que os participantes percebessem a condição da música enquanto produto da Indústria Cultural. Esse instrumento metodológico indicou uma mudança de paradigma no que se refere à prática de ensino e à transformação das aulas de arte na escola em espaço de formação crítica e identitária dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Colaboração, Diálogo, Identificações, Educação Musical

**ABSTRACT**

The work in question, the result of a masters research that encompasses musical appreciation, dialogue and critical formation of students, recognizes the impossibility of ignoring the mass access of students to the artistic works propagated by the Cultural Industry (ADORNO & HORKHEIMER, 1947). With this in mind, we advocate the need for the teaching of Music at school to innovate in its practices, in order to favor a critical posture of students about mass culture. To deny the influence of this access in the daily life does not corroborate with the dialogue (BOHM, 1998) between school, experience (BONDIA, 2002; BENJAMIN, 1987) and sense (DUARTE Jr., 2000). In this perspective, the objective of this study was to construct a pedagogical approach in musical education dialogued with students' daily life focused on the collaboration and construction of their critical perception. As a collaborative activity based on a qualitative and action research methodology, the Musical Conversation Wheel presupposed that the involvement and dynamic communication between several collaborators: students, musicians, teachers, among other participants, sharing their life histories and musical experiences, raised questions about their origins, influences, identifications, critical formation and musicality. Among the results obtained, the mediating collaboration of music professionals, welcoming participants' identifications, contributed to the students' understanding of the condition of music as a product of the Cultural Industry. This methodological instrument indicated a paradigm shift regarding the practice of teaching and the transformation of art classes in the school into a space of critical and identity formation of the subjects.

**Keywords:** Collaboration, Dialogue, Identifications, Musical education

**1 INTRODUÇÃO**

Inicialmente chamada Círculo de cultura, a ideia de contextualização da roda de conversa surgiu em 1950, na região nordeste do Brasil, a partir do método de trabalho do educador pernambucano Paulo Freire. Sua concepção pedagógica tomava por base as práticas transformadoras, instigando o diálogo, a curiosidade, a compreensão, a contextualização e a democracia, objetivando assim, a criticidade, a autonomia e a liberdade dos sujeitos. O educador entendia que as experiências da vivência de mundo, não podiam ser ignoradas no processo de ensino-aprendizagem.

Esse trabalho pretendeu mostrar que, mesmo na escola tradicional, alheia às transformações da sociedade atual, é possível optar por metodologias que façam sentido e dialoguem com o cotidiano do aluno. A partir da ideia de círculo de cultura, na defesa de uma escola popular e comprometida com as relações sociais, Freinet<sup>1</sup> cria uma metodologia aberta ao diálogo, isto é, a roda de conversa para a educação de crianças. Com base no trabalho e na livre expressão, ele defende

---

<sup>1</sup> Considerado o precursor da incorporação da Roda de Conversa ao trabalho pedagógico na Educação Infantil, o estudioso francês Celèstin Freinet (1896-1966), engajou-se nas questões políticas, defendendo o princípio liberal da propriedade privada, o anticlericalismo, a luta pela igualdade social e pela ajuda mútua e incentivo à cooperativa (SILVA, 2012, p.48-49)

que seja o aluno e não mais o professor, o centro do ensino e aprendizagem, rompendo assim, com a pedagogia tradicional de ensino (SILVA, 2012, p.43-49). A saber, a roda de conversa consiste em:

[...] um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo. Um dos seus objetivos é de socializar saberes e implementar a troca de experiências, de conversas, de divulgação e de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta. (LIMA & MOURA, 2014, p. 101)

Com isso em mente, é preciso compreendermos em que contexto essas práticas estão sendo propostas e desenvolvidas com os alunos. Isto posto, descrevermos, de forma breve, algumas particularidades acerca da localização social dos alunos–escola e bairro. Espaço de vivências onde expressam suas identificações e sensações de pertencimento.

Análoga à realidade de outras escolas públicas do município, a Escola Jerônimo Freire dos Santos, local onde realizamos a pesquisa, não existe uma proposta pedagógica para o ensino das artes. Com um escopo curricular rígido e excludente, não se permite que as artes ocupem um lugar nas prioridades da escola. Postura em desalinho com a Base Nacional Comum Curricular em que se prevê a criatividade e o estímulo crítico como partes inerentes da nova cena educacional (BRASIL, 2017, p. 17).

O bairro João Cabral é formado por construções residenciais de baixo custo, esgotos a céu aberto, vilas e ruelas que brotam em um território sem planejamento de ocupação, dividido por um assoreamento que marca o bairro de Leste a Oeste. Dessa característica surge o primeiro nome do bairro dado pelos próprios moradores “Grotas”, alcunha que ressurge nos apontamentos da crônica policial. Segundo dados do IBGE já em 2010, o JC, assim denominado por seus moradores, contava com a expressiva população de 17.859 habitantes colocando-o como o bairro mais populoso de Juazeiro do Norte, representando 7,15% da população total da cidade.

De acordo com o PDDU (2000, Lei 2569, p. 12), a divisão política dos bairros Lagoa Seca e João Cabral ocorre exatamente na Rua Virgínia de Mendonça em que a face Sul da via, onde está localizada a escola, pertence ao bairro Lagoa Seca, e o outro lado ao JC. A divisão política dos bairros, a bem da ordenação urbana não considerou a discrepância existente, pois em contraponto ao JC, a Lagoa Seca concentra mansões, condomínios, universidades particulares, clubes sociais, e toda uma infraestrutura necessária possibilitada reiteradamente, pela gestão da cidade.

Explicada a localização social dos alunos, podemos adentrar em nossas acepções sobre a colaboração no contexto escolar dos sujeitos da pesquisa. Nesse ínterim, a colaboração é um grande gargalo para a efetivação de metodologias que façam sentido na escola. Dizer como a colaboração

pode acontecer, em que condições e quais seriam os seus benefícios para a Educação Musical, são questões norteadoras alinhadas às que formulamos em nossa pesquisa de mestrado. Estas se constituíram relevantes na definição da Roda de Conversa Musical enquanto instrumento metodológico e atividade colaborativa entre alunos, professores e artistas da música.

## 2 METODOLOGIA

Fruto de pesquisa de mestrado que enlaça apreciação musical, diálogo e formação crítica dos estudantes, esse artigo reconhece a impossibilidade de ignorar o acesso massificado dos alunos às obras artísticas veiculadas pela Indústria Cultural (ADORNO & HORKHEIMER, 1947). Atualmente, a Indústria Cultural atua como agente propagador e facilitador do acesso a trabalhos artísticos, uniformizando essa produção a bem da massificação de consumo. A tendência é seguir o modismo propagado através dos veículos de comunicação de massa: rádio, TV, internet, entre outros. Nesse sentido, a música tem quantidade e qualidade vinculadas às demandas da Indústria Cultural.

A concepção de *diálogo* (BOHM, 1989, p.7) representou o ponto de partida para a compreensão da história da música na vida dos estudantes e, conseqüentemente, das suas experiências e identificações. Nas palavras de Hall (2005, p.12), o sujeito pós-moderno é descentrado, fragmentado e suas identidades estão em constante mudança e transformação. Com base nessa teoria, levantamos a hipótese de que a Roda de Conversa Musical, possibilitaria sairmos de uma pedagogia que pensa o aluno enquanto sujeito cartesiano (HALL, 2005, p. 27) para um sujeito sensível, aberto às particularidades do mundo (DUARTE Jr., 2000, p.105).

Nesse sentido, quanto à sua abordagem, utilizamos a pesquisa qualitativa, pois essa metodologia, “[...] aprofunda-se no mundo dos significados. Esse nível de realidade não é visível, precisa ser exposta e interpretada, em primeira instância, pelos próprios pesquisados”. (MINAYO, GOMES e DESLANDES, 2009, p.22). Nessa lógica, concordamos com Brito et al (p. 14327), quando os autores definem a roda de conversa como uma *metodologia ativa* capaz de possibilitar a prática do diálogo, o qual propicia aos participantes escutar o outro e expor suas próprias acepções.

Quanto ao seu procedimento, adotamos a pesquisa-ação por nos possibilitar pesquisar e participar do processo de investigação (BRANDÃO, 1984, p. 13). Nesse sentido, Brandão (1987, p.72) defende que “A produção do conhecimento se realiza através da realidade social. A ação é a fonte do conhecimento e a pesquisa constitui, ela própria, uma ação transformadora”.

Os instrumentos de pesquisa utilizados na coleta dos dados consistiram em: o diálogo, as observações não estruturadas e o diário de campo. Conforme a especificidade de cada instrumento, os registros ocorreram a partir de anotações em diário de campo, fotos, áudios e vídeos.

Entendendo que a metodologia “vem de cada professor e de sua interação com o mundo, com o conhecimento, com os alunos e com o processo educativo” (UJIIIIE, 2013, p.15), optamos pela roda de conversa por suas diversas possibilidades, entre as quais estão: a emancipação dos sujeitos, a interação coletiva e a *colaboração* mútua. Nesse sentido, transpomos essa metodologia para as aulas de música e a nomeamos Roda de Conversa Musical, criando dessa maneira, um *espaço de sentido* (DUARTE Jr., 1981, p. 91) na escola.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com a colaboração dos artistas e professores de música, a Roda de Conversa Musical, resultou em um diálogo focado, suscitando questões relevantes sobre o lugar da Arte na escola. Cada colaborador contribuiu com sua história de vida e suas vivências musicais. Temas recorrentes e em voga no país como a Reforma do Ensino Médio, também fizeram parte do diálogo. Para um dos colaboradores e professor de música, tal proposta de mudança poderia representar um distanciamento entre a escola, as linguagens artísticas e os alunos.

Utilizando uma linguagem bem próxima a dos alunos, os participantes também dialogaram a respeito da Indústria Cultural. Os colaboradores pediram aos alunos que não assistissem apenas às emissoras de TV cuja finalidade era vender e propagar o consumo. Sugeriram que conversassem mais com a família, pais, tios e avós, perguntassem sobre a música deles e buscassem informações na internet, em sites compromissados com a notícia e não com o consumo.

Apesar da interação com os primeiros colaboradores, cantando juntos, questionando e comparando suas vivências, percebemos que os alunos demonstram maior interesse nos diálogos com o MC e com o DJ, se referenciando ao RAP<sup>2</sup> enquanto preferência musical. Um dos alunos comentou que “os vários MC do bairro JC não tinha fama mas, a música deles tinha história” (LFRSN)<sup>3</sup>. Comentou ainda que “o RAP deles não faz vergonha pros caras do Rio e São Paulo! E é porque os MC do JC não toca no rádio nem aparece na televisão. Quem quiser ver tem que ir pro You Tube” (LFRSN).

---

<sup>2</sup>Do inglês Rhythm And Poetry, que traduzido para o português quer dizer Ritmo e Poesia. O Rap é o discurso rítmico com rimas. Disponível em: <http://refensdasociedade.no.comunidades.net/qual-e-o-significado-do-rap>. Acesso em 03 de julho de 2017.

<sup>3</sup> Utilizamos as iniciais do aluno no intuito de preservar seu nome e imagem.

Quatro das perguntas formuladas pelos alunos chamaram nossa atenção: 1. Qual é a base dos versos que você compõe? A inspiração vem da sua família, nos políticos do nosso país ou você fala da sua comunidade? (VGS); 2. No JC, eu já sei que é difícil fazer RAP, mas pra você, qual a dificuldade de se fazer RAP em Juazeiro? (LFRSN); 3. Que tipo de discriminação você já sofreu por ser um MC? (LDP); 4. O que você acha do *Player Tauz*<sup>4</sup>? (AHAS).

Essas questões reafirmaram os dados iniciais da pesquisa, os quais apontaram o RAP como preferência musical dos alunos e expressando que suas identificações não resultam apenas de um *consumo imaginário* (SILVA, 2003, p. 16).

Analisando as questões 2 e 3, identificamos que os alunos demonstram uma sensação de pertencimento, na qual percebem que tanto o RAP quanto o bairro JC são estigmatizados socialmente. Trata-se da seguinte reflexão: quem tenta se posicionar de maneira contrária ao mercado de consumo, ficará a margem dos seus *ganhos*, que por sua vez, significam estar dentro, ser igual. Já na questão 4, inferimos que a internet também está presente no acesso dos alunos. A banda citada por AHAS pode ser acessada apenas nos canais do You Tube, redes sociais e sites específicos para a apreciação de mangás e animes da cultura Geek e Gamer.

Por fim, sem recusa ou discriminações, a Roda de Conversa Musical significou um momento pedagógico possível e exitoso, convergindo na escuta da música do outro e na colaboração da formação da musicalidade e criticidade dos participantes.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse trabalho pretendeu mostrar que, mesmo na escola tradicional, alheia às transformações da sociedade atual, é possível optar por metodologias que façam sentido e dialoguem com o cotidiano do aluno. Objetivando um diálogo fluente entre professores, alunos e artistas, adaptamos os procedimentos da roda de conversa para as aulas de música, transformando esse instrumento metodológico em uma abordagem colaborativa em Educação Musical, a qual nomeamos Roda de Conversa Musical.

Entre os resultados da Roda de Conversa Musical, a colaboração mediadora dos profissionais da música, acolhendo as identificações dos alunos, contribuiu para que os participantes percebessem a condição da música enquanto produto da Indústria Cultural. Esse instrumento metodológico indicou uma mudança de paradigma no que se refere à prática de ensino e à transformação das aulas de arte na escola em espaço de formação crítica e identitária dos sujeitos. “É precisamente porque

---

<sup>4</sup> Banda de RAP que, através da internet, presta homenagens a personagens das culturas Geek e Gamer, como heróis e vilões dos animes e mangás.

as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos [...]” (HALL, 2004, p. 109).

Inovar num contexto em que a prática do diálogo, da colaboração e do ensino das artes eram inexistentes, rompe com as pedagogias tradicionais que, durante séculos, moldaram a prática dos professores e orientaram metodologias fechadas e repetitivas. Com isso em mente, construímos um espaço de sentido para o ensino das artes na escola e, sobretudo, para a formação dos alunos, no que diz respeito à sua criticidade e identificações.

### REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. HORKHEIMER, M. **A dialética do esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. 1947. Disponível em [https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/fil\\_dialetica\\_escla\\_rec.pdf](https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/fil_dialetica_escla_rec.pdf). Acessado em 10 de junho de 2017.
- \_\_\_\_\_. **O fetichismo na música e a regressão da audição**. In: 1996 (Coleção Os Pensadores, 16). Disponível em: [www.mom.arq.ufmg.br/mom/babel/textos/adorno-dialetica-positivismo.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/babel/textos/adorno-dialetica-positivismo.pdf). Acesso em 05 de maio de 2017.
- BENJAMIM, W. **Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura**. Vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987. 3ª edição.
- BOHM, D. **On Dialogue**. Londres: Routledge, 1998. Disponível em <http://sprott.physics.wisc.edu/Chaos-Complexity/dialogue.pdf>. Acessado em 23 de setembro de 2016.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre Experiência e o Saber da Experiência. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, 2002.
- \_\_\_\_\_. Experiência e Alteridade em Educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/download/2444/1898>. Acesso em 11 de julho de 2017.
- BRANDÃO, R. C. **Repensando a Pesquisa Participante**. 3ª Edição, Editora Brasiliense. São Paulo, 1987.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Proposta Preliminar. Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: [basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf). Acesso em 14 de julho de 2017.

BRITO et al. Disponível em: Da prática à teoria: entrevistas aplicadas a rodas de conversa e a sua eficácia para o ensino-aprendizagem. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 14325-14330 Mar.. 2020. ISSN 2525-8761 <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjCrdGJqKvrAhUMIbkGHSYtABQQFjABegQIARAB&url=http%3A%2F%2Fwww.brazilianjournals.com%2Findex.php%2FBRJD%2Farticle%2Fdownload%2F7948%2F6893&usg=AOvVaw2GGLScvMm1duyCCgBOMH21>, Acesso em 17 de agosto de 2020.

DUARTE Jr. J. F. **O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível**. 5ª. ed. Curitiba: Criar edições, 2010.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos Estéticos da Educação**. São Paulo: Cortez. Autores Associados. Uberlândia, MG. Universidade de Uberlândia, 1981.

GOMES, R. H. S. F. **Convite à perversão**. Opus, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 101-118, jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Sensível, eu?! Reflexões Sobre o (Não) Lugar da Sensibilidade na Educação. 2015. IN: ALBUQUERQUE, L. B.; ROGÉRIO, P.; NASCIMENTO, M. A. T. Educação Musical: Reflexões, Experiências e Inovações. Fortaleza. Edições UFC, 2015.

HALL, S. **A identidade cultura na pós-modernidade**. 10ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. **Quem precisa de identidade?** In: Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. (SILVA, Tomaz Tadeu, org.) 5a. ed., Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2004, pp. 103-133.

LIMA, M. G. MOURA, A. F. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa: Um Instrumento Metodológico Possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014. Disponível em: [www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/rteo/article/viewFile/18338/11399](http://www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/rteo/article/viewFile/18338/11399). Acesso em 10 de julho de 2017.

MINAYO, M. C. S. (org.) GOMES, R. DESLANDES, F. S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 28ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PDDU, Lei n.º 2569/ 2000. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Juazeiro do Norte**. Disponível em [https://pdpuazeiro.files.wordpress.com/2012/04/lei-2-569-2000\\_lei-de-organizac3a7c3a3o-territorial.pdf](https://pdpuazeiro.files.wordpress.com/2012/04/lei-2-569-2000_lei-de-organizac3a7c3a3o-territorial.pdf). Acessado em 25 de junho de 2017.

Reféns da Sociedade. **Qual é o Significado de RAP?** Disponível em: <http://refensda-sociedade.no.comunidades.net/qual-e-o-significado-do-rap>. Acesso em 30 de junho de 2017.

SILVA, A. **A Roda de Conversa e sua Importância na Sala de Aula**. Rio Claro: SP, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/121152>. Acessado em 14 de julho de 2017.

Site população. **População dos bairros João Cabral e Lagoa Seca**. Disponível em: <http://populacao.net.br/bairro-buscar.php>. Acesso em 10 de julho de 2017.

UJIIIE, N. T. **Teoria e Metodologia do Ensino da Arte**. Guarapuava. Unicentro, 2013.